

Linguagem não binária como política de nomeação: a letra X a partir da série “Todxs Nós” (2020)

Non-binary language as naming policy: the letter X in the series “Todxs Nós” (2020)

Thiago Henrique Nascimento Vergara¹
Universidade Estadual Paulista - UNESP
t.vergara@unesp.br

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo retomar e abranger os estudos acerca das relações de gênero e linguagem não binária feitos na disciplina Tópicos em Sociolinguística, em 2023, do programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), bem como propor novas considerações pensando a linguagem não binária enquanto parte de uma “política de nomeação” (Halberstam, 2023), refletindo sobre o que pode haver por detrás de um nome e, principalmente, o que reivindicações por novos nomes e categorizações podem significar; pensar novas categorias de identidade para além de possíveis fragmentações e polarizações identitárias. Parte-se, para isso, de análises da série “Todxs Nós”, de 2020, retomando discussões feitas pelo autor deste artigo (2023a, 2023b), em diálogo com outros materiais. Assim, adota-se, teórico-metodologicamente, a perspectiva bakhtiniana (Bakhtin, 2010; 2011; 2017; Medviédev, 2012), a partir também de seus comentadores contemporâneos (Bezerra, 2017; Faraco, 2009; Ponzio, 2010; Sobral, 2019). Os resultados, portanto, dizem respeito às análises da série em questão, analisando possíveis sentidos produzidos a partir da letra X e a presença desta na vida. **Palavras-chave:** Análise Dialógica do Discurso; Bakhtin; Linguagem não binária; Teorias queer.

ABSTRACT: This paper aims to revisit and encompass the studies on gender relations and non-binary language conducted in the 2023-course “Topics in Sociolinguistics” of the Post-Graduate Program in Linguistics and Portuguese at São Paulo State University (UNESP), it also hopes to propose new considerations regarding non-binary language as part of a “politics of naming” (Halberstam, 2023), reflecting on what might lie behind a name and, most importantly, what demands for new names and categorizations might mean; and to consider new categories of identity beyond possible identity fragmentations and polarizations. To this end, it draws on analyses of the 2020 series “Todxs Nós,” revisiting discussions by the author of this article (2023a, 2023b) in dialogue with other materials. Thus, the Bakhtinian perspective is adopted theoretically and methodologically (Bakhtin, 2010; 2011; 2017; Medviédev, 2012), also drawing on its contemporary commentators (Bezerra, 2017; Faraco, 2009; Ponzio, 2010; Sobral, 2019). The results, therefore, concern the analysis of the series in question, analyzing possible meanings produced from the letter X and its presence in life.

Keywords: Dialogical Discourse Analysis; Bakhtin; Non-binary language; Queer theories.

¹ Mestre e doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), com graduação em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição. Pesquisador da área da Análise Dialógica do Discurso, com interesse pelos estudos em gênero, sexualidade e identidades dissidentes. Compõe, atualmente, o SLOVO - Grupo de Estudos do Discurso, da UNESP, e LAQueer, da UFSCar, ambos cadastrados no CNPq.

Introdução: do ato bakhtiniano e da autonegação como potências

Este ensaio se insere no contexto contemporâneo em que somos colocados frente à necessidade do movimento de reconhecer-se e colocar-se como sujeito, da importância do ato de nomear-se; “[...] o início de um novo paradigma no qual as pessoas têm parte na nomeação de sua corporalidade diferente” (Halberstam, 2023, p. 37).

De forma consonante, este ato, em uma acepção notadamente positiva e potencialmente revolucionária, significa, para Bakhtin (2010), sempre darmos um passo adiante, como iniciativa, movimento, de ações arriscadas, com intencionalidade; “[...] não apenas algo mais do que ação física e a simples realização mecânica dos atos” (Sobral, 2019, p. 23). Os sujeitos-agentes, então, são sujeitos moralmente responsáveis, que têm, enfim, “responsabilidade pela junção entre a vida concreta (o mundo vivido, a razão prática) e a atividade teórica (o mundo representado pela teoria, a razão teórica)” (Sobral, 2019, p. 27).

O que nos importa, enfim, é a singularidade deste ato e a possibilidade que este passo além incita na religação entre cultura e vida como uma delegação política, de funcionalidade transformacional:

À delegação da responsabilidade, como delegação política, Bakhtin retorna em um ponto de “Para uma filosofia do ato responsável”, quanto se refere à representação política, que, frequentemente, seja em quem a atribui, seja em quem a assume, perde, na tentativa de um tipo de alienamento da responsabilidade política, o sentido do próprio enraizamento na participação pessoal única, sem alibi [...] (Ponzio, 2010, p. 25-26).

Finalmente, este mundo contemporâneo, do ato em crise, que defende e preza por uma razão prática e indiferente às diferenças, não deve ser, e de fato não o é, o mundo concreto do ato responsável, mas o mundo da sua transcrição meramente teórica, técnica.

É importante destacar que as discussões aqui realizadas partiram, inicialmente, da disciplina “Tópicos em Sociolinguística”, oferecida no segundo semestre de 2023 pelo programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em uma aula ministrada pelo professor Rodrigo Borba (UFRJ), que tinha como enfoque a linguagem não binária, destrinchando a presença e estudos dos temas de gênero e linguagem dentro da Linguística.

Nesse contexto, enquanto sujeito-pesquisador, tais temas sempre se fizeram presentes (Vergara, 2023a; 2023b; 2025), especialmente quanto aos diferentes modos de pensar a relação de alteridade e construções identitárias como possibilidade de um caminho para “fazer ciência

produzindo significados” (Bakhtin, 2011). Pensando, ainda, na diferença que possibilita identificação, frente à desigualdade e à indiferença, que deformam as relações sociais, defendo, enfim, “[a] vontade de compreender uma diferença que gera inquietude e que planta a dúvida onde há somente certezas” (Mendonça, 2023, p. 865); rumo a uma tomada de postura que preze a diferença em suas potencialidades de identificação.

O uso do X e a linguagem não binária sob a perspectiva bakhtiniana do cotejamento

A perspectiva teórico-metodológica proposta pelo Círculo de Bakhtin, e contemporaneamente também por seus comentadores (Bakhtin, 2010; 2011; 2017; Bezerra, 2017; Faraco, 2009; Medviedev, 2012; Ponzio, 2010; Sobral, 2019), permite que encaremos quaisquer enunciados verbais, não verbais, verbo-visuais etc., em sua dialogicidade, ao mesmo tempo em que apreendemos também suas singularidades, que respondem a algo de forma retroativa (a memória do passado), e projetam e esperam respostas posteriores (a memória do futuro), as quais instauram polemizações, discordâncias.

Assim, o cotejamento de textos, isto é, o movimento de colocar um texto em diálogo com seus outros, visando estabelecer novos contextos, é justamente cotejá-lo, recuperando, sempre parcialmente, esta infinita e infindável cadeia de enunciados a que o texto responde. O cotejo, dentro da metodologia das ciências humanas em especial, permite essa visão dialógica, extralocalizada – em quaisquer relações há sempre a minha palavra e a do outro; a interpretação como transformação do alheio no “meu-alheio” (Bakhtin, 2011, p. 408), dando vida às complexas relações entre os sujeitos interpretados e aquele interpretador; busca-se uma espécie de diálogo, então, que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos.

A partir das reflexões a serem feitas aqui, assumo, portanto, este empreendimento de atingir e ampliar novas profundezas de sentido, de poder revelar, enfim, “novos portadores materiais de sentido, por assim dizer, corpos de sentido” (Bakhtin, 2017, p. 17):

A interpretação criadora não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura, e nada esquece. A grande causa para a interpretação é a distância do intérprete – no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que ela pretende interpretar de forma criadora. [...] No campo da cultura, a distância é sempre a alavanca mais poderosa da interpretação (Bakhtin, 2017, p. 18).

Nesse contexto, o interesse pelas discussões dos temas em questão pelo autor deste texto se dá, principalmente, pensando as produções desenvolvidas durante a graduação e, mais

posteriormente, enquanto *mestrando* (2023a; 2023b). Nestes trabalhos o *corpus* foi a série “Todxs Nós”, lançada em 2020, uma produção brasileira distribuída internacionalmente na plataforma de streaming da HBO. A produção tem como trama central a vida de um indivíduo pansexual não binário, Rafa, que, fugindo de sua cidade natal Botucatu, no interior de São Paulo, vai tentar a vida na capital, visando se redescobrir. Há de se destacar que hoje, em 2025, a série já não se encontra mais disponível no catálogo da plataforma.

A série, talvez propositadamente, demarca o uso do X no título da produção, ao passo que no decorrer da narrativa, tendo como protagonista um sujeito não binário, utiliza a linguagem neutra/não binária, com o uso da vogal temática -E (como em “bonite”, “cansade”, “feie” – tais usos são de fato postos em prática na série), funcionando, a depender da estrutura e palavra, também como desinência de gênero neutro (como em “garote”, “amigue”, “alune”, etc.), e o sistema “elu” (há uma série de outras proposições, como o sistema “ile”, “ilu” e “el”²). O uso de tal linguagem, ainda, é parte primordial no processo de identificação e metamorfose das personagens. À época do lançamento da série, também foi divulgado, gratuitamente, o “Guia Todxs Nós de Linguagem Inclusiva”: “[...] a HBO, a partir do lançamento da série TODXS NÓS, coloca em pauta o debate sobre o uso da linguagem inclusiva como forma ativa de tirar da invisibilidade pessoas transgênero ou não-binárias.” (Portal dos Jornalistas, 2020, on-line).

À época do processo de produção e escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, dentre as conversas e discussões a respeito da série, levantou-se a problemática acerca do uso controverso de X:

² Há, atualmente, uma série de “manuais de linguagem neutra” sendo propostos por inúmeros pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas. Esse tipo de iniciativa segue o caráter inovador e variável das proposições de uso da linguagem não binária. A título de exemplo, conferir: https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa e <https://pji.portaldosjornalistas.com.br/wp-content/uploads/2020/05/GuiaTodxsNos.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2025.

Também é importante destacar que não há consenso quanto a qual desses sistemas seria mais viável e aplicável à fala, por exemplo. Em Cavalcante (2022) e Vergara (2025), ao mesmo tempo em que se reconhece o teor prescritivista destes materiais, há uma postura de defesa de seu uso, importância e igualmente de sua aplicabilidade: “É fato, contudo, que os manuais de linguagem neutra não levam em consideração as regras ativas do sistema, o que acontece, na realidade, é que tais materiais se baseiam em regras comuns à escrita: “cria-se uma regra que funciona somente para a escrita – mas a escrita é uma codificação da língua, não é a língua” (Cavalcante, 2022, p. 82), e por isso, ainda, se dá o tom prescritivista desses manuais” (Vergara, 2025, p. 45); no entanto, como afirma Cavalcante (2022, p. 82), “[...] a proposta de -e como morfema de gênero neutro parece estar de acordo com as regras do sistema linguístico e parece natural”.

Figura 1 - Pôster promocional da série “Todxs Nós” (2020)



A imagem, parte da divulgação promocional da produção, carrega uma série de elementos visuais – com Rafa, protagonista, ao centro, dividido em duas partes – enquanto um sujeito não binário – representando esse movimento de questionamento frente a sua identidade de gênero, e marcando, para tanto, aspectos estéticos e semióticos. As cores usadas na imagem – verde e rosa – também produzem uma série de sentidos e significações, especialmente pensando na dicotomia existente no sistema sexo/gênero, masculino/feminino, nesse caso funcionando, fundamentalmente, como alusão a ideais de masculinidade e feminilidade. As demais personagens presentes na imagem são Vini – primo do protagonista, alinhado à esquerda da figura, em verde – e Maia – amiga de Rafa – colocada no espectro do ideal feminino, em rosa. A respeito destes enquadramentos, a narrativa da própria série trata de expor, por vezes de forma irônica, questionamentos e a desconstrução desses ideais; Maia, enquanto mulher negra, defende, na série, a pauta do antirracismo, denunciando casos de preconceito.

Quanto à parte verbal, há uma frase no canto inferior esquerdo, em que se lê: “você descobre quem é... quando deixa de ser quem não é”, e o título da produção, *Todxs Nós*, objeto principal de discussão, também colocado nas duas cores da idealização de gênero, verde e rosa, demarcando também esses entremeios, entre-lugares, da não binariedade.

As figuras a seguir detêm significados ao passo que expõem pautas interseccionais sendo colocadas em diálogo. Há de se levar em consideração que há intencionalidades, valores ideológicos sendo colocados em debate, em diálogo; de reatualizações e ressignificações também do que se tem como lugar-comum do que é família, de como enxergamos, nessas relações familiares, o sujeito que se coloca para além das dicotomias identitárias de gênero.

Figura 2 - A família de Rafa reunida (os dois homens à esquerda são Vini e o pai de Rafa; a irmã “à ponta” da mesa; e as duas mulheres à direita são Maia, amiga, e a madrastra de Rafa); Rafa após dar início à sua transição e metamorfose identitárias



Fonte: IMDb³.

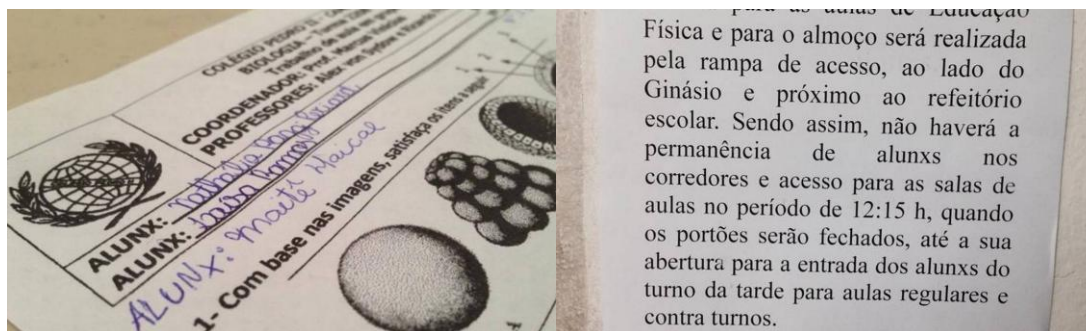
Retomando esta memória, hoje já parte do passado, como forma de cotejo à discussão da série, em 2015, no Rio de Janeiro, o episódio da polêmica envolvendo o Colégio Dom Pedro II e o uso de X pela escola como forma de apagar a diferença de gênero – gramatical e social – motivaram o que muitos autores e estudiosos da área nomeiam como “guerrilhas linguísticas”. A instituição, localizada em São Cristóvão, utilizou o “X” em diferentes âmbitos e momentos, como em cabeçalhos de provas e avisos institucionais, movimento tal que não passou despercebido pelos responsáveis dos estudantes.

Felizmente, portanto, a letra X tem passado a figurar em diferentes disciplinas escolares para além da matemática – o lugar em que se espera que permaneça, ainda que de forma abstrata: devemos, nas operações matemáticas, buscar o valor de X, esta letra que, curiosamente, é multiforme. Por isso, então, é importante que coloquemos em diálogo como esta visão ‘aritmética’ de X têm semelhanças com a apreensão desta em outras disciplinas, a letra que ‘mascara’ algo, que subverte normas e não se quer sendo colocada uma vez mais em binarismos e quantificações reducionistas.

O episódio em questão aconteceu cinco anos antes da estreia da produção *Todxs Nós*; o debate, ainda que recente considerando este grande tempo bakhtiniano (Bakhtin, 2011; Bezerra, 2017), tem sido uma constante; há precedentes historicamente e culturalmente, e diferente do que tem sido visto nas grandes mídias ao retratarem a questão da linguagem neutra, este debate não deve ser tomado tão somente enquanto uma questão geracional. As imagens a seguir ilustram como o uso do X foi feito, à época, na instituição.

³ Estas e outras imagens podem ser acessadas em: https://www.imdb.com/pt/title/tt11212828/mediaviewer/rm1455931649/?ref_=tt_ph_sm. Acesso em: 23 jul. 2025.

Figura 3 - Presença do X em materiais disponibilizados pela escola Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, 2015



Fonte: O Globo⁴ (2015).

O episódio, especialmente ao trazer à luz o contexto escolar, ainda em meados da década de 2010, explicitou formas como intervenções semióticas “bagunçam as convenções linguísticas e o cotidiano escolar e, ao desafiar relações de poder, abrem possibilidades de “fazer a diferença”, de repetir a realidade de uma forma distinta [...]” (Borba; Lopes, 2018, p. 242).

À época, então, e ainda hoje, o uso de tais desestabilizações de convenções da língua podem possibilitar o questionamento de regimes de verdade que circundam o social, ao passo que estes últimos buscam forjar, *a priori*, determinados entendimentos sobre o que é possível dentro da língua.

Há, decerto, tantos outros episódios que colocaram em pauta, de forma polêmica, a linguagem neutra, discutindo sua presença na vida social. Em Vergara (2023a), analisando alguns dos projetos de lei contrários à linguagem neutra/não binária, que vão na contramão do episódio do Colégio Dom Pedro II, aponto que:

A partir de projetos de lei propostos nos últimos anos no Brasil, a linguagem neutra tem enfrentado sucessivas tentativas de censura e silenciamento. Grande parte dos projetos propostos clama pela proibição da linguagem neutra em instituições de ensino da rede pública e privada e também em bancas de concurso. Em novembro de 2020, o deputado federal Junio Amaral (PSL – MG), autor do PL 5.198/20, propõe que, nos ambientes formais de ensino e educação, não deve ser permitido “o emprego de linguagem que, corrompendo as regras gramaticais, pretenda se referir a gênero neutro, inexistente na língua portuguesa” (BRASIL, 2020, p. 2). O que se vê nesse tipo de projeto, no entanto, é uma espécie de purismo linguístico, que vem se tornando cada vez mais comum, criando a falsa ideia de que a língua que falamos é intocável e inflexível, com o objetivo de impor legitimidade quanto ao que é aceitável na língua, assim como argumenta Faraco (2001, 2008) e Bagno (2009) (Vergara, 2023a, p. 16).

⁴ A matéria pode ser conferida integralmente em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/professores-do-pedro-ii-adotam-termo-alunxs-para-se-referir-estudantes-sem-definir-genero-17564795>. Acesso em: 23 jul. 2025.

Borba e Lopes (2018), analisando os usos e sentidos por trás do X, apontam uma historiografia de tal marcação, enfatizando, primeiramente, a importância semiótica desta. Kira Hall (apud Borba; Lopes, 2018, p. 247), argumenta que, à época de Descartes, a letra foi introduzida pelo próprio filósofo e matemático ao pensamento e produções da área para fazer referência a quantidades indeterminadas. No século XVII, em contextos literários e judiciais, X passou a ser usado como forma de substituir o nome de pessoas desconhecidas ou para preservar o anonimato. Posteriormente, já no século XX, durante comitês de censura, especialmente no contexto norte-americano, a letra passou a ser usada para qualificar filmes inadequados a audiências jovens – os filmes X-Rated. De forma subversiva, na década de 1990, a indústria pornográfica trouxe de volta tal prática, adotando, a partir de então, as categorias XX-Rated e XXX-Rated para modalidades de filmes adultos.

Nesse contexto, a hipótese de Hall é de que a letra, mais contemporaneamente, adquiriu uma nova vida e um novo sentido, um símbolo que detém poder provocativo e ameaçador às temáticas, e sujeitos, que devem ser vigiados. A renovação dos sentidos é esperada e pode ser produtiva, e nesse caso, especialmente, demarca as reatualizações de usos linguísticos reivindicados, primeiramente, por grupos específicos; os atos destes sujeitos, não por acaso, são dotados de intenções, e é a palavra, a letra, que indicam as mudanças sócio-históricas mais significativas.

O X, histórica e sistematicamente, condensa em si uma série de significantes que são transpostos para a língua – “em alguns círculos, entende-se essa intervenção linguística como um ato quase pornográfico que macula a língua e deve ser censurado” (Borba; Lopes, 2018, p. 247). E é nesse sentido que, apesar de discursos conservadores e puristas, o uso de X persiste como forma de negar essencialismos e a dicotomia de gênero – assim como pode ser visto na série *Todxs Nós*:

Se até mesmo o gênero gramatical – que sempre foi tido como necessário à língua, pois seria o reflexo incontestável da biologia – tem sofrido turbulências, nada mais garante a tão-desejada estabilidade do social. [...] tais propostas de mudança linguística, ao desessencializar o sistema, provocam inseguranças sobre o social que se materializam em práticas de vigilância da pureza da língua (Borba; Lopes, 2018, p. 248).

Os discursos que enxergam a língua como mera representação da realidade partem do pressuposto de que a língua, sendo apenas um espelho, reflete uma verdade ontológica anterior e exterior a ela. Argumenta-se, portanto, que existe uma realidade pura:

Cameron (1990) destaca que um dos mitos que constitui não só a linguística, mas a própria sociolinguística (o ramo dessa ciência que pretende unir o estudo da língua e a sociedade) seria de que a língua relaciona-se com a realidade de uma forma especular, ou seja, a língua apenas reflete a realidade. Se no mundo real vivemos dicotomicamente como homens e mulheres, como a língua poderia fugir de tal predicamento? (Borba; Lopes, 2018, p. 253).

Partindo dessa leitura, então, e trazendo-a ao contexto específico da visão monológica e reacionária da linguagem frente à linguagem neutra/não binária, a título de exemplo, dá-se a importância de se atentar ao enquadramento de discursos enquanto “não ideológicos” e desprovidos de valores políticos, dotados, portanto, de um dito estado de natureza primeiro. Sobre esse aspecto, o Círculo de Bakhtin, e em especial Medviédev (2012), discute como se dava este empreendimento de apreender quaisquer enunciados, discursos, enquanto apartados de elementos ideológicos; este empreendimento, não por acaso, servia aos interesses da burguesia.

[...] para eles [o Círculo], não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e, no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição valorativa (i.e, não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica (Faraco, 2009, p. 47, grifos próprios).

Dentro dos estudos bakhtinianos, reitera-se, então, que tudo o que é ideológico possui significado e é, logo, um signo. O universo da criação ideológica coincide, fundamentalmente, com a criação de natureza semiótica; os dois mundos, ideológico e semiótico, são correspondentes e coexistem.

Medviédev (2012, p. 49), ao discutir a presença de ideologemas especialmente dentro das ciências humanas, afirma que, à sua época, o sentido ideológico, quando abstraído do material concreto a que pertence, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete. Nesse contexto, dois termos fundamentais que pautavam as teorias e filosofias da cultura burguesa eram “sentido” e “consciência” – àquela época, partindo de uma filosofia idealista, coexistindo entre a consciência individual e o sentido, existia a “consciência transcendental” ou “consciência geral”, as quais deveriam zelar “para que a união e pureza dos sentidos abstratos não se dispersem nem se turvem na constituição viva da realidade material” (p. 49).

A cultura burguesa tratava de implantar, portanto, “uma surdez e uma cegueira persistentes em relação à realidade ideológica concreta” (Medviédev, 2012, p. 49), se negando

a enxergar a realidade dos objetos e das atividades sociais – defendendo, enfim, uma filosofia que se pretendia apartada da realidade material concreta.

Finalmente, pensando no título de “Todxs Nós” e em demais contextos contemporâneos, o uso do X revela uma reflexividade exacerbada justamente pelo fato de afetar somente a modalidade escrita da língua. O X, em quaisquer contextos e sentidos, não pede para ser falado; a sua radicalidade, para além do social, é estrutural, especialmente considerando uma sociedade em que a escrita ocupa um lugar central nos discursos reguladores. Novamente, então, o X, assim como outros usos da linguagem não binária, ultrapassa os discursos que visam limitá-lo.

Uma abordagem curta e curiosa sobre o que pode haver em um nome

Jack Halberstam (2023), professor e pesquisador trans nascido no Reino Unido, propõe, de maneira ímpar, que é a partir do nome, das categorias nas quais podemos – e somos levados a – nos encaixar, que se dá o início de um novo paradigma, em um movimento no qual os sujeitos detêm, finalmente, o protagonismo em suas nomeações de diferentes corporalidades.

Na apresentação da obra de Halberstam, feita por Eduardo Leal Cunha, faz-se uma série de questionamentos:

Será possível – ou interessante – recusar toda e qualquer forma de reconhecimento? Podemos imaginar um mundo queer, feito de ininteligíveis? Pode o queer existir sem qualquer referência à norma? Existe o ininteligível sem um regime de verdade que o exclua? O livro começa e termina pela política. Primeiro, a política da nomeação, do confronto com os regimes de ininteligibilidade e com a difícil articulação entre o particular, ou mesmo íntimo, como o nome próprio, e o coletivo, a sociedade e seus fundamentos normativos. Termina por nomear tarefas [...] associadas à busca do que não se restringe às vidas trans: busca pela coalizão; [...] aos modos [...] de existirmos e vivermos juntos (Halberstam, 2023, p. 17).

Assim, ao se desfazer de normas e lógicas essencialistas que fixam práticas corporais e identitárias, quando o que se entende e se fala sobre sexo/gênero se tornam também menos fixas em relação à verdade, à autenticidade e à própria identidade, teremos, portanto, mais espaço e tempo para imaginar novas identidades com maior vivibilidade (Borba, 2014).

Atualmente, assim como pontua Halberstam (2023) e demais estudiosos da área, há, notoriamente, jovens que se identificam com outros gêneros, e que, para além disso, são capazes de imaginar a si mesmos, plenamente, em outros corpos, corpos que podem corresponder

melhor a quem são enquanto “sujeitos-em-processo”. O professor norte-americano, no primeiro capítulo de seu livro, pondera que:

[...] conforme o tempo anda, à medida que as tecnologias médicas se modificam e se desenvolvem, nós também lutamos para nomear novos corpos “certos” que emergem enquanto continuamos a trabalhar com os corpos “errados” que permanecem. Este capítulo perpassa os cambiantes protocolos e rubricas das identificações corporais nos últimos cem anos e pergunta, simplesmente: o que há em um nome? (Halberstam, 2023, p. 27).

São os nomes que estabelecem caráter, que fazem coisas acontecerem e criam expectativas. O autor expõe, no entanto, que reconhece os impasses da nomeação, especialmente no que concerne à capacidade de capturar todas as nuances da identificação humana, considerando um contexto contemporâneo que reconhece, igualmente, uma multiplicidade de identidades e corporalidades.

Foi também no decorrer da história que a diferença entre homens e mulheres foi codificada e formalizada em relação aos tipos de trabalhos que eram designados, havendo, ainda, diferença de trabalhos impostos às mulheres da burguesia e aquelas da classe trabalhadora; que categorias raciais, baseadas sob um entendimento colonialista, justificavam formas violentas e precárias de governo. Assim, “ter uma linguagem para certos modos de desejo causou um enorme impacto sobre como as pessoas viviam, amavam, escondiam ou expunham a si mesmas” (Halberstam, 2023, p. 32):

Como essa disputa indica, a resposta para a questão “O que há em um nome?” é “Tudo!”. Contudo, quando discutimos sobre terminologias, estaríamos a ignorar as estruturas? Dito de outro modo, seria a contestação sobre a nomeação uma distração com respeito a um problema muito maior que não é linguístico, mas sistêmico ou institucional? Seria realmente o tema da linguística um sintoma desses grandes sistemas que nos fixam, enquanto nos oferecem a ilusão de que somos livres? (Halberstam, 2023, p. 41).

Na disputa instaurada *nos* e *a partir dos* nomes, a resposta à questão sobre o que pode haver por detrás de um nome é, como também o coloca Halberstam, tudo. O debate sobre terminologia, e, nesse sentido, também sobre variabilidade de gênero, deve reivindicar justamente esse lugar do ininteligível, incoerente, instável (em sua acepção positiva, de marcada recusa do que é imposto verticalmente) para além de seus aspectos linguísticos, a questão que se coloca é também de ordem sistêmica, institucional. Caso contrário, a insistência em termos tão somente binários, continuará a sustentar, como o faz há muito, projetos normativos de padronização de identidade; “[...] graças a essa história de violência e marginalização, em

diversos casos de construção de identidades [...] será comum encontrarmos formas de vida organizadas sobre oposições como identidade vs. alteridade [...]” (Schwartzmann; Castro, 2025, p. 75). A variabilidade e multiplicidade são, portanto, mais importantes que a mera definição.

Ver a linguagem dessa forma – como um ecossistema mutável dentro do qual as palavras podem voar, cair, ou falhar em transmitir sua mensagem, mas também como um ecossistema no qual as palavras podem flutuar sobre a multiplicidade a que elas apontam – nos liberta da tarefa mundana de simplesmente buscar nomes corretos. [...] Se buscamos na linguagem um exaustivo catálogo de todas as formas humanas, acabaremos por cair no tipo de produção artificial que informa as 51 formas de ser um corpo oferecidas pelo Facebook. **O que essas terminologias representam em termos de criação e colapso do sistema contemporâneo da definição do sexo/gênero?** (Halberstam, 2023, p. 35-36, grifos próprios).

Tomaz Tadeu da Silva (2014), estudioso da área dos Estudos Culturais, trata de expor que é, enfim, justamente tal movimento de classificação, autonegação, que fundamenta a vida social – é a partir desse mundo, desses atos de significação, que se divide e ordena o mundo social em grupos, em classes. O questionamento das identidades, e logo, também das diferenças, enquanto relações de poder, implica na problematização de binarismos em torno dos quais as identidades se organizam – há de se pautar o ‘autonegarse’, que visa instaurar conjunturas outras:

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. [...] Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. [...] as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. [...] **Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam** (Silva, 2014, p. 82, grifos próprios).

Por último, como arremate final à questão proposta neste ensaio, àquela do ato de (auto)nomeação, devemos, de todo modo, ter em mente que assimilar a gramática normativa, em qualquer âmbito, significa vincular o sentido às regras arbitrárias da classe opressora. É somente a partir do meio ideológico, sempre valorado, e com o seu auxílio que os sujeitos têm o caminho aberto para o conhecimento e, finalmente, para o domínio de sua existência socioeconômica.

Considerações finais

Os objetivos deste texto, portanto, apontam para a relevância de se discutir como as políticas de nomeação podem possibilitar identidades mais “vivíveis”; da importância de ter parte na nomeação de sua corporalidade. Reivindicar nomes é reivindicar significados e resistência *na e pela* língua. À luz das teorias queer, Borba (2014) argumenta que é a partir do desmantelamento de normas de inteligibilidade e estabilidade social que corpos são reconhecidos, por fim, como humanos e dotados de subjetividades e direitos. Para isso, o autor defende:

Atentar à vida linguística que indivíduos produzem, na qual estão imersos e pela qual são produzidos é um vetor importante para enfatizar o escopo analítico e político da teoria da performatividade de gênero que guia as teorias queer. Talvez com isso possamos criar condições de “vivibilidade”, para usar as palavras de Butler, que ofereçam à Indianara Siqueira um futuro no qual ela não seja interpelada como uma impossibilidade semântica e, com isso, desmantelar a falta de inteligibilidade que limita sua vida semiótica e, sobretudo, social (Borba, 2014, p. 469-470).

Koyama, em seu *Manifesto Transfeminista* (2001), frente ao reconhecimento e necessidade da diversidade de gênero, argumenta que **“Temo-nos tornado cada vez mais conscientes de que a diversidade é a nossa força e não a nossa fraqueza. Nenhuma fragmentação temporária ou polarização é suficientemente grave de forma a anular as virtudes finais de uma política de coligação inclusiva”** (2001, p. 1, grifos próprios).

Espera-se, como prática, a importância de sempre se reivindicar significados e sentidos, especialmente quando se trata de movimentos identitários. Tem-se produzido uma série de efeitos retóricos, discursos e performativos de intervenção, seja através da linguagem não binária, da nomeação de identidades de gênero diversas. Gênero é, enfim, uma “forma de linguagem”, que serve, nesse sentido, para expressar modos de desejo, de “autovivências” e autonomeações. Isso pois como Halberstam (2023, p. 32) defende, ter uma linguagem para certos modos de desejo causou, na História, um enorme impacto sobre como as pessoas viviam, amavam, escondiam ou expunham a si mesmas.

Finalmente, pensando a postura teórica-filosófica-metodológica adotada aqui, mas também, e sobretudo na vida, reitero, novamente, a relevância de assumirmos uma visão mais responsiva, dialógica e responsável frente aos nossos objetos de estudos. É possível, e necessário, darmos este passo além, de atos arriscados, mas de potencialidades revolucionárias.

Quanto à minha avaliação das futuras perspectivas de desenvolvimento da nossa ciência da literatura, acho que elas são bastante boas, uma vez que dispomos de enormes potencialidades. Só nos falta a ousadia científica, investigatória, sem a qual não conseguiremos nos colocar nas alturas nem descer às profundezas (Bakhtin, 2017, p. 19).

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 393-410.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BEZERRA, Paulo. Bakhtin: arremate final. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 43, p. 441-473, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>

BORBA, Rodrigo; CARVALHO LOPES, Adriana. Escrituras de gênero e políticas de *différance*: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 21, p. 241-285, 8 mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v21i0.15198>

CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível de consciência. In: FILHO, F. R. B.; OTHERO, G. de Á. (Orgs.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022, p. 74-93.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**. Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUIA Todxs Nós de Linguagem Inclusiva. **Portal dos Jornalistas**, 2020. Disponível em: <https://pji.portaldosjornalistas.com.br/wp-content/uploads/2020/05/GuiaTodxsNos.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2025.

HALBERSTAM, Jack. **Uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero**. Tradução Daniel Kveller e Rafael Leopoldo. Salvador: Editora Devires, 2023.

KOYAMA, Emi. **Manifesto Transfeminista**. Disponível em: <https://bookblocrda.files.wordpress.com/2014/06/manifesto-transfeminista.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláivitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2018.

MENDONÇA, Marina Célia. O pesquisador e seu outro: o linguista face a face com o valor-alheio. In: **Da indiferença à não indiferença**: como viver a amorosidade? RODAS/EEBA 2023. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 863-870.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p 9-38.

SCHWARTZMANN, M. N.; CASTRO, G. H. R. de. Obituários de escritoras: reflexões sobre valor, cultura e identidade da mulher. In: PORTELA, J. C. et al. (Orgs.). **Identidade, experiência e discurso**: semiótica e crítica da cultura. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025. DOI: <https://doi.org/10.29327/5612362.1-3>

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 73-102.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin**: roteiro de leitura comentado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

VERGARA, Thiago Henrique Nascimento. **Polêmicas presentes no discurso contemporâneo sobre a comunidade LGBTQIA+ no Brasil e a linguagem neutra**: o caso da série “Todxs Nós”. 2023. 44f. TCC (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2023a. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/242543/vergara_thn_tcc_arafcl.pdf?sequence=4. Acesso em: 26 ago. 2023.

VERGARA, Thiago Henrique Nascimento. A construção da identidade em corpos dissidentes: alteridade, cronotopo e as personagens da série “Todxs nós” (2020). In: **Da indiferença à não indiferença**: como viver a amorosidade? RODAS/EEBA 2023. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023b, p. 838-853.

VERGARA, Thiago Henrique Nascimento. **A comunidade LGBTQIA+ a partir do discurso publicitário no Brasil**: análise de campanhas e construções do outro pelo olhar da publicidade. 2025. 163f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/54dc958b-5c38-41ac-984c-09b5e5c7c5f1>. Acesso em: 23 jul. 2025.

Recebido em: 22 de agosto de 2025
Aceito em: 8 de dezembro de 2025